

PROPEDÊUTICA DOS CONCEITOS DE “BOM” E “MAU” A PARTIR DAS OBRAS *GENEALOGIA DA MORAL* E *O ANTICRISTO* DE NIETZSCHE

PROPAEDEUTICS OF THE CONCEPTS OF “GOOD” AND “BAD” BASED ON THE WORKS ON THE GENEALOGY OF MORALITY AND THE ANTICHRIST BY NIETZSCHE

Anthony Gabriel da Silva Frota

Universidade Federal do Acre, Brasil

Guilherme da Silva Cunha

Universidade Federal do Acre, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/cadernosmilovic.v3i1.107>

Resumo: O presente artigo analisa algumas possibilidades de interpretação acerca dos conceitos “bom” e “mau”. Para isso, tomamos como fundamentação teórica as obras *Genealogia da Moral* (1887) e *O anticristo* (1888), de Friedrich Nietzsche. Essa abordagem, conseqüentemente, contesta a ideia de que existem valores “em si” (i.e., valores supremos, eternos, imutáveis), como pressupõe a tradição filosófica ocidental, pautada nas doutrinas de Platão e do Cristianismo. O “maldito” Nietzsche, homem de palavras incisivas, nos oferece uma análise cuja “métrica” é a valorização da vida enquanto movimento e potência, contrariando as metafísicas que colocam o “além-mundo” como sendo o verdadeiro, e este mundo – o único existente – em uma posição de inferioridade. Nesse sentido, pelo fato de não existirem valores “em si”, toda moral brota de um chão: o da imanência. Isto conduz a duas questões importantes para a nossa reflexão: *como nascem os valores morais? Qual é o valor dos valores?* Considerando que a cultura ocidental é forjada pelos ideais platônicos e cristãos, buscamos analisar o nascimento da moralidade vigente a partir da tensão entre a *classe aristocrática* e a *classe sacerdotal* nas culturas antigas.

Palavras-chave: moral de senhor, moral de escravos, genealogia, axiologia.

Abstract: This article presents some possible interpretations of the concepts of “good” and “bad”. To this end, we use Friedrich Nietzsche’s works *On The Genealogy of Morality* (1887) and *The Antichrist* (1888) as our theoretical foundation. This approach, consequently, challenges the idea that values exist



“in themselves” (that is, supreme, eternal, immutable values), as assumed by the Western philosophical tradition, based on the doctrines of Plato and Christianity. The “damned” Nietzsche, a man of incisive words, offers us an analysis whose “metric” is the valorization of life as movement and power, contradicting the metaphysics that place the “otherworld” as the true world, and this world—the only existing one—in a position of inferiority. In this sense, because there are no values “in themselves”, all morality springs from a single ground: that of immanence. This leads to two important questions for our reflection: *how do moral values arise? What is the value of values?* Considering that western culture is shaped by platonic and christian ideals, we seek to analyze the emergence of prevailing morality from the tension between the *aristocratic class* and the *priestly caste* in ancient cultures.

Keywords: morality of the nobles, morality of the slaves, genealogy, axiology.

Introdução

O pensamento de Nietzsche está demarcado peremptoriamente a partir de três grandes momentos: os textos de juventude (1870 – 1876); os textos próximos do “positivismo” (1876 – 1882) e os textos de caráter trágicos (1882 – 1888). Convém ressaltar que o filósofo alemão é um dos poucos pensadores que não se envergonham dos seus escritos de juventude. Desse modo, por exemplo, em *Assim Falava Zaratustra* retoma seus objetos de estudo de *O Nascimento da Tragédia* e faz aprofundamentos extremamente interessantes a respeito do trágico conforme a configuração do seu próprio corpo, tendo por base a ideia trágica de *tornar-se o que se é* como ponto culminante do próprio aprendizado trágico na esfera corporal.

Todavia, o que interessa no “portal do instante” é analisar, mesmo que de forma propedêutica, os conceitos de *bom* e de *mau*, enfatizando que o autor de *A Gaia Ciência* não parte de nenhum motivo *a priori*, transcendente ou revelador, mas da ideia de construção histórico-social dos valores, onde se tem como ponto de gravidade a própria vida e não a ideia de verdade. Assim, fundamentaremos a nossa análise em duas obras do terceiro Nietzsche: *Genealogia da Moral* (1887) e *O Anticristo* (1888).

Genealogia da Moral

A análise de Friedrich Nietzsche em *Genealogia da Moral* movimentase na direção de uma crítica dos valores propostos por Sócrates, Platão e Cristo, consagrados pela cultura ocidental de forma metafísica, tais como:

“verdade revelada”, “verdade em si”, “Deus como verdade absoluta”, “princípios absolutos e a priori”, “Deus como origem e fonte da moral”. Contudo, ao contrário de muitos filósofos que o precederam, Nietzsche não construiu uma história dos valores morais pautada na perspectiva linear ou transcendente.

Tomando como inspiração o texto *A origem dos sentimentos morais*, de Paul Rée, o filósofo aprofundou logo no primeiro capítulo da sua obra retro mencionada não só a origem do “Bem e mal” e do “Bom e mau”, mas as transmutações de tais conceitos a partir da *moral de senhor* e da *moral de escravo*. Logo, observa-se que são perspectivas bem diferentes. Assim, por exemplo, dentro dos padrões de uma moral primitiva, o “bom” era capitaneado pelo homem que tinha coragem de trabalhar, de guerrear contra seus inimigos, que era solidário, disciplinado e se preocupava com o coletivo a partir do trabalho. E “mau” era o homem covarde, o indisciplinado, o preguiçoso. Nietzsche, como filólogo, acompanha tais ideias da moral primitiva em sua genealogia que aborda a oposição da *classe guerreira*, aquela que “cuida do corpo” por meio das virtudes e da *classe sacerdotal*, aquela que cuida da alma através do espírito.

Desse modo, a moral guerreira que era uma *moral de senhor*, estabelecia que a sua avaliação moral era técnica. Por exemplo, o homem “bom” era o *guerreiro* que sabia lutar e, acima de tudo, saía vitorioso no campo de batalha, pois tinha habilidade física. O “bom” era o homem corajoso que sabia ser cruel com seus inimigos, que não tinha sentimento de culpa, não tinha compaixão, não se ressentia e não tinha esperança em vida pós-morte. Nesse sentido, a moral era do campo da ação efetiva do real, era fruto da ação humana. Em contrapartida, a *moral de escravo* – representada pela *classe sacerdotal* – passa a idealizar, a “metafísicar” sua avaliação. Como resultado, o homem “bom” é aquele que “cuida da alma” e o “mau” passa a ser o “guerreiro”.

Sendo assim, há uma transmutação dos valores como se pode perceber na *Genealogia*. Quando os fortes, aqueles de uma *moral de senhor* (guerreira) deixam de fazer avaliação técnica, seduzidos pela *moral de escravo*, e passam a fazer também avaliação moral, percebem que eles são os “maus”, os lobos e logo deixam de ser lobos e passam a ser ovelhas e, por conseguinte, se sentem arrependidos. Os fortes deixam de ser fortes e se transformam em animais de rebanho. Há, conforme a *moral de senhor* e a *moral de rebanho*, uma inversão de valores. Tal inversão dos valores ocorre de forma exponencial pelas mediações do judaísmo e do cristianismo, onde

a revolta dos escravos se consolidou numa única moral, afastando do seu âmbito a *moral de senhor*.

A vitória de Sócrates, Platão e Cristo foi consolidada. Aconteceu a transvaloração dos valores: o “bom” passa a ser o pobre e miserável, onde se predomina no corpo do homem o sentimento de “culpa”, desejo de vingança, ressentimento, fuga constante do real em detrimento do mundo ideal relacionado ao pretérito ou ao futuro para não se enxergar o tempo presente, o único que efetivamente existe.

É perceptível que a genealogia nietzschiana problematiza não só o nascimento dos valores morais, mas também a sua “serventia” para o homem. Com efeito, Nietzsche compreende – desde as obras da juventude – que existem duas posturas morais perante a vida e o mundo: uma *negadora* (pessimista) e outra *afirmadora* (otimista). Ambas estão sempre em conflito, gerando valores dissidentes. Contudo, apesar das dissonâncias das posturas morais, Nietzsche defende a ideia de que os valores são invenções humanas, não existindo, portanto, valor “em si”, mas valores como fruto de relações imanentes, construídos historicamente pelo homem. Diante de quadro, Nietzsche (1998, p. 12) afirma:

Enunciemo-la, esta *nova exigência*: necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deve ser colocado em questão* – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, como tartufice, doença, mal-entendido; mas também, moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado.

Percebe-se que, na sua crítica axiológica, o autor de *Assim Falava Zarathustra* se lança ao desafio de não mais ficar atrelado somente às questões genealógicas da moral. Ele objetiva também estudar a moral como enquanto doença, i.e., como aquilo que diminui as forças do corpo, chegando ao ponto não só de enfraquecê-lo, mas de matá-lo. Porém, o contrário de doença chama-se saúde e é sobre tal ideia que Nietzsche decide também tratar, ou seja, da “grande saúde” – daquilo que aumenta o querer, a vontade de potência para afirmar incondicionalmente a vida em forma de alegria, entendendo que a maior força do homem está na afirmação da vida; posto que o querer é a principal marca da ação. E isso serviria como antídoto para se combater as enfermidades da moral que é retroalimentada pela “pequena razão” que na maioria das vezes prioriza a verdade em detrimento da vida.

A análise do tensionamento de onde emergiram os valores morais, é apresentada por Nietzsche a partir de duas configurações: a *moral de senhor* (aristocrata) e a *moral de escravo* (sacerdotal). A primeira representa a vida mais próxima da natureza e do tamanho que é, com todo seu requinte de crueldade, pois a natureza se manifesta independente da vontade humana, trata-se de uma visão afirmativa da vida real conforme sua epifania no espaço-temporal. Enquanto a segunda é referente aos caluniadores que depreciam este mundo em nome de uma verdade supra terrena. Na continuidade, é importante destacar como o filósofo alemão descreve os modos valorativos da *classe aristocrática* e da *classe sacerdotal*:

Os juízos de valores cavalheiresco-aristocrático têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo o que envolve uma **atividade robusta, livre, constante**. O modo de valoração nobre-sacerdotal – já o vimos – tem outros pressupostos: para ele, a guerra é mau negócio! Os sacerdotes são, como sabemos, os mais terríveis inimigos – por quê? Porque são os mais impotentes. Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa (Nietzsche, 1998, p. 25 – grifo nosso)

Observa-se que a *moral aristocrática* tem a vida (*hic et nunc=aqui e agora*) como critério de avaliação moral. O “bom”, segundo essa perspectiva, é tudo aquilo que possibilita um viver alegre juntamente com um saber alegre, expansivo, afirmativo onde a vida seja prioridade. Em tal moral não existe uma ruptura entre “corpo” e “espírito”, como os dualistas insistem em dizer, ao contrário, a ideia era bem simples: corpo é espírito e o espírito é corpo formando uma unidade idiossincrática em prol da vida. Por conseguinte, o *aristocrata* reconhece o seu antípoda (o “ruim”, o fraco), mas não através do ressentimento ou do desejo de vingança. Ele reconhece e nomeia o seu oposto justamente para afirmar a si mesmo de forma mais intensa.

O *sacerdote*, por sua vez, é desprovido de força corpórea. A única alternativa que ele encontra para exercer domínio sobre os fortes está no campo da abstração, onde se pode inverter profundamente os valores do homem aristocrático. Nesse sentido, quem é o “bom” segundo a moral do sacerdote? É o fraco, o impotente, o miserável, o que sofre em silêncio, o moribundo. E quem é apresentado como “mau”? O nobre, o forte, o afirmador. Dessa forma, percebe-se ao analisar a constituição moral do Ocidente, que o sacerdote saiu vitorioso na maioria das vezes, ao ponto de fagocitar a *moral de senhor* conforme já foi enfatizada no texto acima. Apesar

disso, há de se dizer: o homem ressentido, ao contrário do aristocrata, se isola do mundo. Para ele, a terra é um “vale de lágrimas” e a salvação da alma é mais importante do que a saúde do corpo. Tais ideias, observar-se-á com mais riqueza de detalhes na obra a seguir.

O Anticristo

A produção de *O Anticristo* é constituída basicamente da análise de Nietzsche sobre a psicologia do Cristianismo expressa por intermédio da *moral de escravo* configurada e personificada na *classe sacerdotal*. Como oposição à moral de escravo existe a *moral de senhor*, porém é importante ressaltar que as duas são formas de avaliação da vida. Compreende-se que a crueldade, a dor e o sofrimento fazem parte da natureza humana – assim como os instintos –, coisa que o homem não dever renunciar, uma vez a humanidade era mais feliz quando vivia a sua natureza. Não reinava o pessimismo e não se tinha vergonha dos instintos, de igual modo, não havia instintos reprimidos e, por conseguinte, não havia culpa, ressentimento e tampouco mundo interior, posto que tal mundo foi criado com a repressão dos instintos. Com efeito, os instintos reprimidos se voltam com o próprio homem, gerando a “má-consciência” do homem doente de si mesmo por ter declarado guerra aos instintos.

Diante desse quadro, seguiremos com a análise do “Bom e mau”. Logo no começo de *O anticristo*, Nietzsche indaga:

O que é bom? – Tudo o que eleva o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem.

O que é mau? – Tudo o que vem da fraqueza.

O que é felicidade? – O sentimento de que o poder cresce, de que uma resistência é superada (Nietzsche, 2016, p. 10).

Percebe-se que as ideias retro corroboram significativamente com o projeto avaliativo de Nietzsche em *Genealogia da Moral*, onde a força é o parâmetro da vida nobre; a fraqueza é indesejável por aqueles que têm saúde. Como resultado, todo valor moral que não sirva para a afirmação da vida no momento presente é um valor niilista, que aspira ao nada e deve ser repellido. Entretanto, ao analisar e denunciar os valores de *décadence* na cultura ocidental, Nietzsche não assume o papel de um “profeta”; não está preocupado em desvelar o “tipo nobre” como um *telos* para o qual a humanidade estaria a caminho. Inclusive, a ideia de progresso, muito

enaltecida pela modernidade, não encontra espaço nesta avaliação dos valores.

O que Nietzsche pretende, com sua crítica incisiva ao Cristianismo, é apresentar ao leitor “que tipo de homem deve-se cultivar, deve-se querer, como de mais alto valor, mais digno de vida, mais certo de futuro” (Nietzsche, 2016, p. 11). Refere-se a um tipo de homem que foi tornado “maldito” pela moral do ressentimento. Dado o efeito narcotizante do moralismo cristão, os mais fortes – que reconhecem o corpo como elemento valorativo por excelência – foram relegados à posição de “infelizes”. À vista disso, os malogrados – que criam valores niilistas, invertem o sentido das coisas e passam a ditar o que venha a ser o “verdadeiro” e o “falso”, o “bem” e o “mal”. Por isso, o filósofo alemão não hesita em dizer:

Não se deve embelezar e ataviar o cristianismo: ele travou uma guerra de morte contra esse tipo mais elevado de homem, ele proscreeu todos os instintos fundamentais desse tipo, ele destilou desses instintos o mal, o homem mau – o ser forte como o tipicamente reprovável, o “réprobo”. O cristianismo tomou partido de tudo o que é fraco, baixo, malogrado, transformou em ideal aquilo que contraria os instintos de conservação da vida forte; corrompeu a própria razão das naturezas mais fortes de espírito, ensinando-lhes a perceber como pecaminosos, como enganosos, como tentações os valores supremos do espírito. O exemplo mais lastimável – a corrupção da Pascal, que acreditava na corrupção de sua razão pelo pecado original, quando ela fora corrompida apenas por seu cristianismo! (Nietzsche, 2016, p. 11-12).

A psicologia cristã, enquanto instrumento de manipulação das massas, é indissociável de uma tendência hostil ao corpo, aos sentidos, à imanência, a um profundo amor pelas coisas da terra. Ela nega veementemente que sua grande aspiração é o “nada”, pois este mesmo “nada” é disfarçado pelos nomes mais sagrados. Geralmente, é referido como “Deus”, “salvação”, “eternidade”, “beatitude”, “bem-aventurança”, “mundo verdadeiro”, “livre arbítrio”, “alma”, “pecado”, “espírito”, “vontade de Deus”, “graça”, etc. Do ponto de vista teleológico se busca: o “Reino de Deus”, o “juízo final”, a “vida eterna”. Isso nos conduz à seguinte questão: se os valores não surgem de uma realidade transcendental, quem está por trás dessa grande “engenharia metafísica” que tanto arrebanha? Logo, nos cumpre salientar a partir da rubrica do pensamento do autor mediante as duas obras estudadas e também parafraseando de forma tópica Chedru, *et alii* (2011, p. 106):

- A moral não é imutável, nem dada por uma “entidade metafísica”. Não faz parte de uma “pedra filosofal” e tampouco existe “A Moral” fora da produção cognitiva do homem.
- A moral é um processo evolutivo e interpretativo das violências efetivadas à vida para impor determinado sentido. A tragicidade da vida – o caráter inalterável do real, a finitude humana, a falta de controle do tempo, a dor, o sofrimento, a morte, a incerteza de vida pós-morte – fazem o homem criar uma “formação de sentido” para si e para as coisas do mundo. Todavia, as incertezas e os paradoxos continuam a existir. Nenhuma moral ou conhecimento é capaz de sanar tudo isso.
- A moral não tem Deus ou Espírito como princípio criador. Ela é da ordem do conhecimento relacionado à vida concreta.
- A origem da moral está nos seres humanos, nas suas vontades e nos seus instintos. A moral está para avaliar as necessidades fisiológicas e psicológicas do homem numa relação com os valores. Por uma perspectiva nietzschiana, a vida deve ocupar a primazia e jamais deveria ser condenada pelo “tribunal da razão”.
- A moral deve avaliar o sentido e o valor do “ideal ascético” como sendo o valor supremo erigido pela religião cristã e que está presente em todos os tipos de conhecimentos, até mesmo na ciência, camuflado na ideia de “objetividade” e “ideal de verdade”.

Reconhece-se que boa parte da crítica nietzschiana aponta para a denúncia dos “valores cristãos” que se voltam contra a vida por meio de seus negadores e das metafísicas que negam esta vida em nome de uma vida supra terrena, principalmente aquelas metafísicas religiosas que colocam a culpa, o pecado, a peste, a desgraça, o inferno e o diabo como pontos de referência. Aliás, esses metafísicos religiosos vivem a envenenar e caluniar a vida.

A ideia é atacar os negadores da vida com saúde, vontade de potência, alegria, afirmação dos instintos, criatividade e beleza. Um exemplo disso está na própria figura de Nietzsche que passou por muitas dores e sofrimentos, por muitos problemas de saúde, mas não quis abrir mão de viver e, apesar de tudo, “nunca se sentiu doentio”. Trata-se da afirmação incondicional da vida, da crença na vida como valor maior.. Trata-se do homem como criador de valores, de um conhecimento de

si, voltado para o combate do idealismo negador da vida. A luta é para desarmar as filosofias que se contentaram em fundar e manter as morais de cunho metafísico que depreciam esta vida em nome de uma possível vida pós-morte.

Portanto, convém destacar ainda que as morais que alimentam os “ideais ascéticos” são verdadeiros “sistemas de crueldade”, pois massacram os corpos em nome de uma salvação e felicidade eternas que não se sabe, pois ninguém que morreu voltou para dizer. Assim, a crítica de Nietzsche se volta contra o cristianismo doentio, principalmente aquele cristianismo de Paulo de Tarso, carregado de preconceitos e que vive a impetrar valores niilista em relação à vida.

Referências

CHEDRU, Mathilde, et alii. **100 obras-chave de filosofia**. Tradução de Lúcia Mathilde. Endlich Orth. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**: maldição ao cristianismo. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.